

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
Comissão Executiva do Vestibular

VESTIBULAR 2015.2

REDAÇÃO/LÍNGUA PORTUGUESA

2ª FASE-1º DIA: 05 DE JULHO DE 2015

DURAÇÃO: 04 HORAS

INÍCIO: 09 horas TÉRMINO: 13 horas



Após receber o seu **cartão-resposta**, copie, nos locais apropriados, uma vez com **letra cursiva** e outra, com **letra de forma**, a seguinte frase:

A prudência é sempre oportuna.

ATENÇÃO!

Este caderno de provas contém:

- Prova I – Redação;
- Prova II – Língua Portuguesa, com 20 questões.

Ao sair definitivamente da sala, o candidato deverá assinar a folha de presença e entregar ao fiscal de mesa:

- o CARTÃO-RESPOSTA preenchido e assinado;
- a FOLHA DEFINITIVA DE REDAÇÃO;
- o CADERNO DE PROVAS.

Será atribuída nota zero, na prova correspondente, ao candidato que não entregar seu cartão-resposta ou sua folha definitiva de redação.

NÚMERO DO GABARITO

Marque, no local apropriado do seu cartão-resposta, o número 3, que é o número do gabarito deste caderno de provas e que se encontra indicado no rodapé de cada página.

OUTRAS INFORMAÇÕES PARA A REALIZAÇÃO DAS PROVAS ENCONTRAM-SE NA FOLHA DE INSTRUÇÕES QUE VOCÊ RECEBEU AO INGRESSAR NA SALA DE PROVA.

RASCUNHO DA REDAÇÃO

Se desejar, utilize esta página para o rascunho de sua redação. Não se esqueça de transcrever o seu trabalho para a Folha Definitiva de Redação.

Esta página não será objeto de correção.

NÃO ESCREVA
NAS COLUNAS
ABAIXO.

		T	NG	CE
	01			
	02			
	03			
	04			
	05			
	06			
	07			
	08			
	09			
	10			
	11			
	12			
	13			
	14			
	15			
	16			
	17			
	18			
	19			
	20			
	21			
	22			
	23			
	24			
	25			
TOTAL				

PROVA I: REDAÇÃO

Prezado(a) vestibulando(a),

Um assunto que vem merecendo destaque e discussão em muitos setores de nossa sociedade, nos dias atuais, é a maioridade penal. Muitos se posicionam a favor da redução da idade mínima para que o jovem assuma a responsabilidade pelos seus atos perante a justiça, enquanto outros se mostram contrários, como você pode perceber lendo os textos ilustrativos sobre o tema, presentes nesta prova. Como candidato a uma vaga no Ensino Superior, espaço de discussão dos problemas sociais, você deve mostrar que está a par do que acontece na sociedade, produzindo um texto seguindo uma das sugestões apresentadas.

Texto 1

(Extraído de um dos comentários de Clever Mendes de Oliveira, frequentador do blog de Luís Nassif.)

Luís Nassif,

Penso que a análise dessa questão (a maioridade penal) deve comportar três visões. A visão política, concernente ao modo como a sociedade e o Estado, pelos seus representantes, consideram que se deve trabalhar a maioridade penal. A visão social, que é também uma visão política, analisada pelos representados e não pelos representantes como no caso da visão política propriamente dita. Aqui o que se procura saber é como a sociedade e o Estado querem tratar a questão do adolescente, criando para si, isto é, Estado e sociedade, o máximo de responsabilidade pelo processo civilizatório do adolescente, ou repassando para o adolescente o mais rápido possível esta responsabilidade. A terceira visão a considerar diz respeito à análise das ciências médicas. A partir de que idade um adolescente está consciente da sua responsabilidade pelos atos que pratica?

É claro que a decisão médica é mais relevante e de certo modo ela deve influir na postura da sociedade. Se as Ciências médicas dizem que a partir de 12 anos não há nada que se possa fazer para civilizar um adolescente, não haverá como a sociedade insistir em uma posição que irá contra as evidências.

De todo modo, a visão política é mais decorrente da visão social do que da visão científica. Se a sociedade quer que a juventude se sinta protegida e pertencente à sociedade, caberá à sociedade definir como o adolescente será tratado. Se a sociedade é solidária, ela terá todo o interesse de se colocar do lado do adolescente tentando evitar que ele siga pelo mau caminho. Se a sociedade for individualista, ela não terá nenhum interesse em acompanhar os passos do adolescente.

A avaliação científica da idade para assumir responsabilidade é importante e deveria ser o primeiro caminho a ser considerado.

(Texto adaptado.)

Texto 2

Crianças e adolescentes – Juventude e participação

(Nádia de Paula – Jornal O Povo – Opinião p.7-09.06.2015)

Nunca houve em toda a história da humanidade tantas pessoas jovens com idade entre 10 e 14 anos. Esse é um dado do Relatório sobre a Situação da População Mundial realizado pelo Fundo de População das Nações Unidas (Unfpa) em 2014. São 1,8 bilhão de pessoas nessa faixa etária e, nos países em desenvolvimento que têm uma numerosa população de jovens, esse número pode impulsionar positivamente a economia desde que haja investimento para a juventude no que diz respeito aos direitos fundamentais como saúde e educação, por exemplo. Investimento para a população jovem significa investir também na participação dos adolescentes e jovens nos processos de planejamento e avaliação das ações ou políticas públicas para a juventude. Pensar “Com” ao invés de “Para” ou “Pelo” jovem gera autonomia, solidariedade e responsabilização. A isso se dá o nome de Protagonismo.

A Tdh¹ Brasil desenvolve nos espaços comunitários onde vivem crianças, adolescentes e jovens, ações de protagonismo com atividades centrais para mobilizar famílias, lideranças comunitárias, equipamentos comunitários (escolas, redes socioassistenciais etc.) e políticas públicas através de articulações em rede, visitas institucionais, campanhas de mobilizações sociais, com foco na prevenção da violência juvenil, onde o adolescente/jovem é tanto vítima quanto autor. Essas atividades realizadas conjuntamente garantindo a participação de adolescentes e jovens têm proporcionado mudanças significativas tanto no contexto escolar quanto no contexto comunitário. (Texto adaptado.)

¹ Terre des hommes Brasil é uma organização não governamental sem fins lucrativos, que faz parte da Fondation Terre des hommes (Tdh), organização suíça com sede em Lausanne. Tem como missão a promoção, garantia e defesa dos direitos de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade. Criada em 1960 por Edmond Kaiser, Terre des hommes atua em 34 países.

Texto 3

Redução da maioria penal

(Fátima Vilanova. Doutora em Sociologia. Jornal O Povo.)

A redução da maioria penal envolve as questões: é permitido, aos que têm 16 anos, matar, estuprar, sequestrar? Três anos de pena para estes menores em abrigos são justos face à gravidade dos crimes? Não está em discussão se o sistema prisional recupera ou não os criminosos, mas que eles devem ser afastados do convívio social para que não continuem atentando contra a vida.

A redução da maioria penal não vai diminuir a criminalidade penal, como também a lei existente para os adultos não reduz. Mas não se pode compactuar com o crime, deixando os delinquentes livres para agir. O que reduzirá a criminalidade é o investimento massivo dos governos em creches, escolas em tempo integral para as populações vulneráveis, nos bairros carentes das cidades, dotando-os de infraestrutura de esgoto, pavimentação, iluminação e lazer.

Fazer das escolas espaços atrativos de estudo e convivência, disponibilizando reforço escolar, artes e esportes, inclusive nos finais de semana e fazer das periferias locais dignos de viver são caminhos para a construção de uma sociedade civilizada, pacífica. Outro ponto fundamental é “blindar” as fronteiras do país para a entrada de armas e drogas, banindo-se o narcotráfico, causa da violência disseminada no país.

Tornar os presídios lugares de recuperação constitui outro desafio. Esta questão deve merecer a atenção dos governos e da população. Urge que se escolarize e capacite a mão de obra dos detentos, por exemplo, viabilizando sua participação na construção de estradas, escolas, postos de saúde e equipamentos públicos em geral.

A remuneração deles ajudaria a cobrir os custos que representam para o Estado e as necessidades de suas famílias. Precisamos reduzir a maioria penal e preparar o sistema prisional para que ele deixe de ser escola do crime, passando a ser local de aprendizado de cidadania, garantindo-se a reinserção exitosa dos indivíduos na sociedade, após o cumprimento das penas.

(Texto adaptado.)

Texto 4

Cora Coralina: Menor abandonado

Versos amargos para o
Ano Internacional da Criança, 1979.

De onde vens, criança?
Que mensagem trazes de futuro?
Por que tão cedo esse batismo impuro
que mudou teu nome?

Em que galpão, casebre, invasão, favela,
ficou esquecida tua mãe?...
E teu pai, em que selva escura
se perdeu, perdendo o caminho
do barraco humilde?...

Ao acaso das ruas – nosso encontro.
És tão pequeno... e eu tenho medo.
Medo de você crescer, ser homem.
Medo da espada de teus olhos...
Medo da tua rebeldia antecipada.

És o lema sombrio de uma bandeira
que levanto,
pedindo para ti – Menor Abandonado,
Escolas de Artesanato – Mater et Magister
que possam te salvar, deter a tua queda...

Estou sozinha na floresta escura
e o meu apelo se perdeu inútil
na acústica insensível da cidade.
És o infante de um terceiro mundo
em lenta rotação para o encontro
do futuro.

Há um fosso de separação
entre três mundos.
E tu – Menor Abandonado,
és a pedra, o entulho e o aterro
desse fosso.

Quisera a tempo te alcançar,
mudar teu rumo.
De novo te vestir a veste branca
de um novo catecúmeno.
És tanto e tantos teus irmãos
na selva densa...

Passa, criança... Segue o teu destino.
Além é o teu encontro.
Estarás sentado, curvado, taciturno.
Sete “homens bons” te julgarão.
Um juiz togado dirá textos de Lei
que nunca entenderás.
– Mais uma vez mudarás de nome.
E dentro de uma casa muito grande
e muito triste – serás um número.
E continuará vertendo inexorável
a fonte poluída de onde vens.

Há um fosso entre três mundos.
E tu, Menor Abandonado,
és o entulho, as rebarbas e o aterro
desse fosso.

Acorda, Criança,
Hoje é o teu dia... Olha, vê como brilha lá longe,
na manchete vibrante dos jornais,
na consciência heroica dos juízes,
no cartaz luminoso da cidade,
o ANO INTERNACIONAL DA CRIANÇA.

(Cora Coralina. Texto adaptado.)

SUGESTÕES DE ESCRITA

Sugestão 1: Escreva um texto argumentativo, expondo seu ponto de vista sobre a maioria penal. Lembre-se de que sua argumentação deverá ser suficientemente forte para sustentar sua tese.

Sugestão 2: Imagine uma cidade com índice de violência zero. Descreva essa cidade, apresentando características que contribuem para que seus habitantes se sintam satisfeitos, tranquilos e felizes.

PROVA II - LÍNGUA PORTUGUESA

(Chico Buarque. *O irmão alemão*. 1 ed. São Paulo. Companhia das letras. 2014. p. 60-61. Texto adaptado com o acréscimo do título.)

Texto I

A garagem de casa

1 Com o portão enguaçado, e num
2 convite a ladrões de livros, a garagem de casa
3 lembra uma biblioteca pública
4 permanentemente aberta para a rua. Mas não
5 são adeptos de literatura os indivíduos que ali
6 se abrigam da chuva ou do sol a pino de
7 verão. Esses desocupados matam o tempo
8 jogando porrinha, ou lendo os jornais velhos
9 que mamãe amontoa num canto, sentados
10 nos degraus do escadote com que ela alcança
11 as prateleiras altas. Já quando fazem o
12 obséquio de me liberar o espaço, de tempos
13 em tempos entro para olhar as estantes onde
14 há de tudo um pouco, em boa parte remessas
15 de editores estrangeiros que têm apreço pelo
16 meu pai. Num reduto de literatura tão sortida,
17 como bem sabem os habitués de sebos,
18 fascina a perspectiva de por puro acaso dar
19 com um livro bom. Ou *by serendipity*, como
20 dizem os ingleses quando na caça a um
21 tesouro se tem a felicidade de deparar com
22 outro bem, mais precioso ainda. Hoje revejo
23 na mesma prateleira velhos conhecidos,
24 algumas dezenas de livros turcos, ou búlgaros
25 ou húngaros, que papai é capaz de um dia
26 querer destrinchar. Também continua em
27 evidência o livro do poeta romeno Eminescu,
28 que papai ao menos tentou ler, como é fácil
29 inferir das folhas cortadas a espátula. Há uma
30 edição em alfabeto árabe das Mil e Uma
31 Noites que ele não leu, mas cujas ilustrações
32 admirou longamente, como denunciam os
33 filetes de cinzas na junção das suas páginas
34 coloridas. Hoje tenho experiência para saber
35 quantas vezes meu pai leu um mesmo livro,
36 posso quase medir quantos minutos ele se
37 deteve em cada página. E não costumo perder
38 tempo com livros que ele nem sequer abriu,
39 entre os quais uns poucos eleitos que mamãe
40 teve o capricho de empilhar numa ponta de
41 prateleira, confiando numa futura redenção.
42 Muitas vezes a vi de manhãzinha
43 compadecida dos livros estatelados no
44 escritório, com especial carinho pelos que
45 trazem a foto do autor na capa e que papai
46 despreza: parece disco de cantor de rádio.

A obra *O irmão alemão*, último livro de Chico Buarque de Holanda, tem como móvel da narrativa a existência de um desconhecido irmão alemão, fruto de uma aventura amorosa que o pai dele, Sérgio Buarque de Holanda, tivera com uma alemã, lá pelo final da década de 30 do século passado. Exatamente quando Hitler ascende ao poder na Alemanha. Esse fato é real: o jornalista, historiador e sociólogo Sérgio Buarque de Holanda, na época, solteiro, deixou esse filho na Alemanha. Na família, no entanto, não se falava no assunto. Chico teve, por acaso, conhecimento dessa aventura do pai em uma reunião na casa de Manuel Bandeira, por comentário feito pelo próprio Bandeira.

Foi em torno da pretensa busca desse pretense irmão que Chico Buarque desenvolveu sua narrativa ficcional, o seu romance.

Sobre a obra, diz Fernando de Barros e Silva: "o que o leitor tem em mãos [...] não é um relato histórico. Realidade e ficção estão aqui entranhadas numa narrativa que embaralha sem cessar memória biográfica e ficção".

01. Lendo o texto com atenção, verifica-se que quase todos os verbos estão no presente do indicativo. Amparado por essa constatação, assinale o que estiver correto sobre o enunciador do texto.

- A) Ele enuncia, isto é, expressa-se, de um lugar no passado, valendo-se de lembranças.
- B) Ele enuncia de um lugar no presente, criando a ilusão de que escreve enquanto vive.
- C) Ele enuncia de um lugar no presente, observando o que acontece a sua volta.
- D) Ele enuncia de um lugar no passado, lançando mão das informações dos parentes.

02. Apesar de em número muito menor, o pretérito perfeito do indicativo, tempo da narrativa tradicional, está presente no texto: “tentou ler” (linha 28), “leu” (linha 31), “admirou” (linha 32), “leu” (linha 35), “deteve” (linha 37), abriu (linha 38), “teve” (linha 40). Assinale o que estiver correto sobre as formas verbais destacadas.

- A) São formas verbais no passado, que mostram o enunciador, que enuncia do presente, de vez em quando recordando fatos de um passado próximo.
- B) São formas verbais do passado que indicam estar o enunciador na velhice, recordando fatos da juventude.
- C) São formas verbais que, estando no passado, fazem contraponto às outras formas verbais do texto, as quais indicam outro tempo e revelam certa confusão mental do enunciador.
- D) São formas verbais no passado, que indicam estar o enunciador falando em um tempo posterior à morte do pai.

03. “Mas não são adeptos de literatura os indivíduos que ali se abrigam da chuva ou do sol a pino de verão.” (linhas 4-7) O “mas” que inicia o período introduz uma oposição

- A) à ideia, explicitada na superfície textual, de que o portão da garagem estava enguilhado.
- B) à expressão “ladrões de livros” (linha 2).
- C) à ideia implícita de que os frequentadores de uma biblioteca não são ladrões de livros.
- D) à ideia implícita de que os frequentadores de uma biblioteca são adeptos da literatura.

04. Atente às afirmações sobre o processo referencial que se realiza nas primeiras linhas do texto.

- I. A expressão referencial “ladrões de livros” (linha 2) é retomada pela expressão anafórica “adeptos da literatura” (linhas 5).
- II. A expressão referencial “os indivíduos que ali se abrigam da chuva ou do sol a pino de verão” (linha 5-7) é retomada anaforicamente pela expressão “Esses desocupados” (linha 7).
- III. No texto, o adjetivo “desocupados” (linha 7) tem forte teor argumentativo, isto é, tem força para influenciar o leitor.

Está correto apenas o que se diz em

- A) II.
- B) I e III.
- C) II e III.
- D) I.

05. Considere a expressão “a garagem de casa” (linha 2) e o que se diz sobre ela.

- I. O emprego do vocábulo **casa** sem a determinação do artigo definido, como acontece no texto, indica que a casa é da pessoa que fala.
- II. A introdução do artigo definido antes do substantivo **casa** – garagem da casa – indicaria não só que o falante não é o proprietário da casa, ou pelo menos não a habita, mas também que o referente *casa*, representado no texto pelo vocábulo **casa**, já aparecera no texto, portanto não seria novo para o leitor.
- III. A introdução do artigo indefinido **um** antes do substantivo **casa** – garagem de uma casa – indicaria que o referente *casa*, representado pelo vocábulo **casa**, ainda não aparecera no texto, portanto seria novo para o leitor.

Está correto o que se diz em

- A) I e II apenas.
- B) I e III apenas.
- C) II apenas.
- D) I, II e III.

06. O texto começa com o enunciado – “Com o portão enguilhado, e num convite a ladrões de livros, a garagem de casa lembra uma biblioteca pública permanentemente aberta para a rua” (linhas 1-4). Escolha a opção **INCORRETA** em relação a esse enunciado.

- A) Esse enunciado estabelece uma relação de semelhança entre garagem de casa e biblioteca pública.
- B) Na comparação do texto, como em qualquer comparação, o termo comparante é menos expressivo do que o termo comparado.
- C) Nessa relação, garagem de casa é o elemento comparado e biblioteca pública é o elemento comparante.
- D) O que permite a comparação é a presença de traços de significação comuns aos dois elementos, no caso do texto, a porta aberta para a rua.

07. Atente ao enunciado: “Mas não são adeptos de literatura os indivíduos que ali se abrigam da chuva ou do sol a pino de verão”. (linhas 4-7) Indique a opção correta em relação ao enunciado.

- A) No enunciado, o advérbio “ali” aponta para os sintagmas nominais “a garagem de casa” e “uma biblioteca pública”.
- B) O “ali” é um elemento de coesão no texto em estudo, como o é também o pronome relativo “que”.
- C) O advérbio “ali”, no enunciado em pauta, retoma somente o sintagma “uma biblioteca pública”.
- D) O “ali” refere-se a um lugar imaginário ideal, que só existe na mente do enunciador.

08. O substantivo “convite” (linha 2) tem, no texto, o mesmo sentido que tem no enunciado seguinte:

- A) Um convite formal a Alberto o obrigará a abandonar sua confortável neutralidade e a tomar partido nessa questão.
- B) O convite para a sua festa será entregue com antecedência. Não há, pois, motivo para tanta preocupação.
- C) O show será gratuito. A Secretaria de Cultura estará distribuindo os convites até a véspera do espetáculo.
- D) A falta de compromisso de alguns professores é um convite à malandragem dos alunos.

09. “Num reduto de literatura tão sortida, como bem sabem os habitués de sebos, fascina a perspectiva de por puro acaso dar com um livro bom.” (linhas 16-19) Atente ao que se diz sobre o excerto transcrito acima.

- I. A expressão “os habitués de sebos” significa “aqueles que habitam lugares sujos e sebosos”.
- II. Com a expressão “literatura tão sortida”, o enunciador quer dizer que, naquele recinto, havia não só grande quantidade de livros, mas livros variados: talvez até de nacionalidades diferentes e de assuntos diversos.
- III. Há, nesse excerto, elementos que indicam ser o enunciador um amante dos livros.

Está correto o que se diz em

- A) II e III somente.
- B) I, II e III.
- C) I e II somente.
- D) I e III somente.

10. Considerando o texto como um todo, o enunciado “E não costumo perder tempo com livros que ele nem sequer abriu” (linhas 37-38) indica que o enunciador

- A) é um preguiçoso: segue a lei do menor esforço.
- B) confia na opinião e na capacidade intelectual do pai.
- C) é um incosequente: deixa-se guiar pela opinião dos outros.
- D) não tem capacidade para escolher os livros que lê, por isso baseia-se na opinião dos outros.

11. “Ou *by serendipity*, como dizem os ingleses quando na caça a um tesouro se tem a felicidade de deparar com outro bem, mais precioso ainda.” (linhas 19-22) Leia o que se diz sobre o enunciado acima.

- I. Estaria de acordo com os ensinamentos da gramática normativa o acréscimo de duas vírgulas ao enunciado: Ou *by serendipity*, como dizem os ingleses quando, **na caça a um tesouro**, se tem a felicidade de deparar com outro bem, mais precioso ainda.
- II. A regra que ampara o emprego das vírgulas acrescentadas é a seguinte: Separa-se com vírgulas o adjunto adverbial deslocado ou intercalado.
- III. Haveria diferença de sentido e de classe gramatical se mudássemos a posição da vírgula em “a felicidade de deparar com **outro bem, mais precioso ainda**”, que passaria a “felicidade de deparar **com outro, bem mais precioso ainda**”. Na estrutura do texto, **bem** é um substantivo, e a expressão tem o seguinte sentido: deparar com outra coisa que não é um tesouro, porém é mais precioso do que um tesouro. Na estrutura modificada – **com outro, bem mais precioso ainda**, **bem** seria um advérbio, e a expressão teria o seguinte sentido: deparar com outro tesouro bem mais precioso do que aquele que se procurava.

Está correto o que se diz em

- A) I e II apenas.
- B) I e III apenas.
- C) I, II e III.
- D) II e III apenas.

12. O verbo **matar** (linha 7) tem variadas acepções além daquela que foi empregada no texto. Na coluna I, estão enunciados construídos com o verbo **matar** em algumas de suas significações. Na coluna II, estão essas significações. Relacione as duas colunas numerando a segunda de acordo com a primeira.

Coluna I	Coluna II
1. “Esses desocupados matam o tempo jogando porrinha” (linhas 7-8 do texto)	() Levar à exaustão, ao esgotamento.
2. Ele foi preso porque matou o ladrão que lhe invadiu a casa.	() Fazer algo sem apuro ou cuidado.
3. Ela me trouxe cinco charadas, que matei em um piscar de olhos.	() Saciar-se.
4. A desnutrição causada pela fome mata milhões de pessoas na África.	() Causar grande prejuízo; arruinar.
5. Os desmandos das autoridades podem matar as pequenas empresas.	() Resolver, adivinhar, decifrar.
6. A má tradução mata livros que, em sua versão original, são verdadeiras obras primas.	() Deixar o tempo passar.
7. A palavra mata mais que o ato.	() Sacrificar-se, fazer tudo por alguém.
8. A traição mata o amor mais rápido do que um tiro certo.	() Tirar a vida de alguém, assassinar.
9. A exagerada disciplina do Exército o matava .	() Contribuir para que algo ou alguém morra; levar à morte.
10. Ela só matava a fome lá em casa.	() Causar sofrimento a; mortificar, afligir, ferir.
11. Os tios se mataram para ver o rapaz formado.	() No futebol, amortecer o impacto da bola a fim de dominá-la.
12. O craque matou a bola no peito e, em seguida, fez belíssimo gol.	() Fazer desaparecer, extinguir.

Está correta, de cima para baixo, a sequência seguinte:

- A) 9, 10, 6, 1, 11, 2, 4, 7, 8, 5, 3, 12.
- B) 9, 6, 10, 5, 3, 1, 11, 2, 4, 7, 12, 8.
- C) 9, 3, 6, 11, 10, 1, 4, 7, 12, 2, 5, 8.
- D) 9, 3, 5, 7, 12, 10, 8, 2, 11, 1, 4, 6.

13. “Esses desocupados matam o tempo jogando porrinha, ou lendo os jornais velhos que mamãe amontoa num canto, sentados nos degraus do escadote com que ela alcança as prateleiras altas.” (linhas 7-11) Escreva **V** quando o que se disser do excerto for verdadeiro, e **F** quando for falso.

- () Quando se lê o enunciado transcrito, não fica bem clara a relação sintática da oração “sentados nos degraus do escadote...” com os outros termos do enunciado: se ela se liga a “esses desocupados”, ou a “os jornais velhos que mamãe amontoa num canto”. A esse tipo de relação, que confunde o leitor, chama-se ambiguidade semântica.
- () A vírgula usada depois do substantivo “canto” não diminui a confusão que ocorre no trecho.
- () Somente o conhecimento dos traços semânticos (ou de significação) dos substantivos “desocupados” e “jornais” pode esclarecer o verdadeiro sentido do enunciado.
- () Poder-se-ia reestruturar o enunciado de modo a eliminar esse problema: Sentados nos degraus do escadote com que mamãe alcança as prateleiras altas, esses desocupados matam o tempo jogando porrinha, ou lendo os jornais velhos que ela amontoa num canto.

Está correta, de cima para baixo, a seguinte sequência:

- A) V, F, F, V.
- B) F, V, V, F.
- C) F, F, V, V.
- D) V, V, F, F.

14. Entre as linhas 11 e 14, lê-se “Já quando fazem o obséquo de me liberar o espaço, de tempos em tempos entro para olhar as estantes onde há de tudo um pouco”. Atente ao que se diz sobre a expressão “Já quando”.

- I. Essa expressão dá, à oração que inicia, o valor semântico de tempo.
- II. “Já” acrescenta à oração um caráter de comparação, cujo elemento comparado vem implícito no texto: (Os desocupados enchem o recinto de tal maneira que me impedem de aproximar-me das estantes). “**Já quando** fazem o obséquo de me liberar o espaço, de tempos em tempos entro para olhar as estantes onde há de tudo um pouco”. Comparam-se duas situações: o que acontece quando os desocupados não dão espaço para o enunciador passar, e o que acontece quando lhe dão esse espaço. Quando não dão, ele não se aproxima das estantes; quando dão, ele entra “para olhar as estantes”.
- III. Omitindo-se o “Já”, a oração nada perderia: nem no plano semântico nem no plano estilístico-expressivo.

Está correto o que se diz em

- A) I e III apenas.
- B) I, II e III.
- C) II e III apenas.
- D) I e II apenas.

Texto 2

O conhecimento

47 Diante da natureza, o homem –
48 animal racional – não age como os animais
49 inferiores. Estes apenas esforçam-se pela
50 vida. O homem, além disso, esforça-se por
51 entender a natureza e, embora sua
52 inteligência seja dotada de limitações, tenta
53 sempre dominar a realidade, agir sobre ela
54 para torná-la mais adequada às suas
55 próprias necessidades. E, à medida que a
56 domina e transforma, também amplia ou
57 desenvolve suas próprias necessidades.
58 Esse processo permanente de
59 acúmulo de conhecimentos sobre a natureza
60 e de ações racionais capazes de transformá-
61 la compõe o universo de ideias que hoje
62 denominamos “Ciência”.
63 Ciência é, pois, o conhecimento
64 racional, sistemático, exato e verificável da
65 realidade. Por meio da investigação científica
66 o homem reconstitui artificialmente o
67 universo real em sua própria mente. Mas
68 essa reconstituição ainda não é definitiva. A
69 descoberta e a compreensão de fatos quase
70 sempre levam à necessidade de descobrir e
71 compreender novos fatos. E como o
72 resultado das investigações depende dos
73 conhecimentos já adquiridos e de

74 instrumentos capazes de aprofundar a
75 observação, a Ciência está sempre limitada
76 às condições de sua época.
77 O que era conhecimento verdadeiro
78 para o sábio da Antiguidade já não o era
79 para o cientista do Renascimento; e o que foi
80 verdadeiro para o cientista do século XVIII
81 pode já não o ser para o cientista dos nossos
82 dias. Assim diz-se também que a ciência é
83 falível, ou seja, pode ser exata apenas para
84 determinado período. O conceito científico
85 que o homem tem do mundo é cada vez
86 mais amplo, mais profundo, mais detalhado
87 e mais exato. Mas está ainda muito longe de
88 ser completo. Assim, considerando-se o
89 desenvolvimento histórico da ciência, é lógico
90 pressupor que o cientista do final do século
91 XXI disporá de conhecimentos muito mais
92 desenvolvidos e exatos do que os de hoje.
93 Afinal, o que é conhecer?
94 Em linhas gerais, conhecer é
95 estabelecer uma relação entre a pessoa que
96 conhece e o objeto que passa a ser
97 conhecido. No processo de conhecimento,
98 quem conhece acaba por, de certo modo,
99 apropriar-se do objeto que conheceu. De
100 certa forma “engole” o objeto que conheceu.
101 Ou seja, transforma em conceito esse objeto,
102 reconstitui-o na sua mente.
103 O conceito, no entanto, *não é o*
104 objeto real, não é a realidade, mas apenas
105 uma forma de conhecer (ou conceber, ou
106 conceituar) a realidade. O objeto real
107 continua existindo como tal,
108 independentemente do fato de o
109 conhecermos ou não.

(Galliano. O método científico: teoria e prática.
Editora Harper & Row do Brasil Ltda. São Paulo:
1979. p. 16-17.)

15. Observe as relações entre os elementos do primeiro parágrafo.

- I. O “Estes” (linha 49) aponta para “os animais inferiores” (linhas 48-49).
- II. O “isso” de “além disso” (linha 50) refere-se à oração “Estes apenas esforçam-se pela vida” (linhas 49-50), resumindo-a.
- III. O substantivo “realidade” não é retomado por nenhuma anáfora.

Está correto o que se diz apenas em

- A) II e III.
- B) I.
- C) I e II.
- D) III.

16. Abaixo, há algumas afirmações sobre o texto. Escreva **V** para o que for verdadeiro e **F** para o que for falso.

- () No texto, o vocábulo *inferiores* (linha 49) foi usado como sinônimo de irracional.
- () No processo do acúmulo do conhecimento, o homem prejudica a natureza.
- () As necessidades do homem crescem à medida que aumentam seus conhecimentos.
- () O conhecimento científico dispensa o experimento.
- () O conhecimento científico é relativo; depende das condições da época em que se dá.
- () Dizer que o conhecimento é um processo (linha 58) equivale a dizer que o conhecimento é histórico (linha 89).

Está correta, de cima para baixo, a sequência seguinte:

- A) V, V, F, V, V, F.
- B) F, V, F, V, F, V.
- C) F, F, V, V, F, F.
- D) V, F, V, F, V, V.

17. Atente à passagem de um parágrafo para o outro e assinale o que está **INCORRETO**.

- A) A passagem do primeiro para o segundo parágrafo é feita pelo emprego de um pronome demonstrativo, que aponta para um lugar no texto – o que vem antes – e um substantivo – processo –, que resume o que foi dito no primeiro parágrafo.
- B) A passagem do quarto para o quinto parágrafo se dá somente pela progressão das ideias.
- C) A passagem do segundo para o terceiro parágrafo é feita pela repetição de um vocábulo.
- D) A passagem do terceiro para o quarto parágrafo se dá pela retomada de um vocábulo.

18. Abaixo você encontrará quatro afirmações, três das quais estão implícitas no texto. Assinale a única ideia que está explicitada no texto.

- A) O homem é um animal superior se o compararmos com os animais irracionais.
- B) O conhecimento considerado verdadeiro pelos antigos não o era mais pelos renascentistas.
- C) Somente o homem pode acumular conhecimentos.
- D) Ao acumular conhecimentos, o homem cria uma cultura.

19. Assinale o que está de acordo com as ideias do texto.

- A) Todo processo de conhecimento exige que o homem se aproxime do objeto a ser conhecido.
- B) O progresso da ciência nos indica que o homem chegou ao limite de sua capacidade de conhecer.
- C) A ciência é falível porque os cientistas são homens e, como homens, podem errar.
- D) No processo de conhecer, o homem evita qualquer juízo de valor em relação ao objeto.

20. Assinale a opção que traz uma explicação correta sobre a afirmação de que o conhecimento é um processo.

- A) O conhecimento é um processo porque é uma ação continuada, ou seja, não se faz de uma vez.
- B) O conhecimento é um processo porque exige mais de uma pessoa para se efetivar.
- C) Dizer que o conhecimento é um processo é dizer que todo conhecimento requer uma representação da justiça concordando com as pesquisas.
- D) Ser um processo significa que a ação deve ser executada lentamente.